

**“Todos são meus preferidos”: o leitor em *As vantagens de ser invisível*
“*They are all my favorites*”: the figure of the reader in *The Perks of
Being a Wallflower***

Cássia Farias*

André Cabral de Almeida Cardoso**

RESUMO

A relação do adolescente com a literatura é bastante própria. Partindo dessa ideia e das considerações de Ricardo Piglia em *O último leitor*, o presente artigo pretende abordar a figura do leitor adolescente no livro *As vantagens de ser invisível*, de Stephen Chbosky. Ao longo do livro, o protagonista, Charlie, lê uma série de obras literárias, por indicação de seu professor de inglês, Bill, que percebe uma grande habilidade de leitura e compreensão no menino. O que se observa, porém, é que Charlie apresenta certa dificuldade em realmente apreender a mensagem dos livros, e as falhas de interpretação parecem estar diretamente relacionadas à sua dificuldade de ver e interagir com o mundo ao seu redor. O trabalho analisa as instâncias dessa leitura limitada por parte do menino, e o que está por trás dela, buscando também as relações entre o ato de interpretar e o autoconhecimento e a (não) passividade.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor adolescente; *As vantagens de ser invisível*; Stephen Chbosky; Literatura juvenil.

ABSTRACT

The relationship between adolescents and literature has its own special characteristics. Departing from this thought and from the ideas developed by Ricardo Piglia in O último leitor, this article aims to discuss the figure of the teenage reader in The Perks of Being a Wallflower, by Stephen Chbosky. Throughout the book, the main character, Charlie, reads a variety of literary works recommended to him by his English teacher Bill, who noticed that the boy had great reading and interpretation skills. However, what we observed was that Charlie has some difficulties in actually apprehending the messages of the books, and that his erroneous interpretations seem to be directly related to his difficulties in comprehending and interacting with his surroundings. This work will analyze some of his insufficient readings and what is behind them, trying to establish a relation between the act of interpreting a text and his self-knowledge and (non) passivity.

KEYWORDS: Teenage reader; The Perks of Being a Wallflower; Stephen Chbosky; Young Adult Literature.

Em *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino (2007, p. 10) afirma que a “juventude comunica ao ato de ler como a qualquer outra experiência um sabor e uma importância particulares”. No entanto, a principal particularidade do ato da leitura feita pelo adolescente, talvez, seja algo que não foi mencionado pelo autor: a possibilidade de o leitor se identificar com a história narrada. Estudiosos da literatura para adolescentes costumam concordar que a leitura de livros juvenis é importante para os jovens porque

* Doutoranda em Literatura Comparada do Programa de Estudos Literários da Universidade Federal Fluminense - UFF, Brasil, cassiafarias@gmail.com.

** Professor adjunto de Literaturas de Língua Inglesa do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura na Universidade Federal Fluminense – UFF, Brasil, andreacac@id.uff.br.

“[a] literatura tem a capacidade de dar a eles um lugar no mundo, algo tangível em que eles podem se apegar enquanto passam pelas suas próprias versões dos processos de transição presentes em cada [livro].” (BICKMORE; YOUNGBLOOD, 2014, p.262, tradução livre).

O sujeito adolescente é, por excelência, um sujeito em transição, e seu percurso deve, idealmente, culminar na passagem satisfatória da infância para a vida adulta, aquela em que o adolescente atinge a maturidade e adquire a capacidade de resolver seus próprios problemas e mediar sua relação com o outro e a sociedade. A literatura oferece uma maneira de enfrentar os conflitos típicos dessa fase ao mostrar para o adolescente que é possível superar suas dificuldades, e que ele não é o único a enfrentá-las. Para o leitor adolescente, então, a literatura seria uma forma de aprender a estar no mundo, e a interpretá-lo também. Enquanto sujeito da modernidade, o adolescente “vive num mundo de signos” (PIGLIA, 2006, p.20), e faz parte de seu processo de formação aprender a lidar com eles, decifrá-los, para assim poder interagir com o que está ao seu redor.

É possível comparar essa imagem do leitor adolescente apresentada pelos críticos da literatura juvenil e educadores, que trataremos aqui como sendo a de um leitor ideal, com uma das figurações de leitores ficcionais proposta por Piglia em *O último leitor*, mais especificamente aquele que lê em seus sonhos. Segundo Piglia (2006, p.23), “o romance (...) procura seus temas na realidade, mas encontra nos sonhos um modo de ler. Essa leitura noturna define um tipo particular de leitor, o visionário, o que lê para saber como viver”. O adolescente, ou o leitor adolescente ideal, lê pelos mesmos motivos que o leitor visionário, e os sonhos também são importantes para a forma como ele se relaciona com o texto, aqui não no sentido dos sonhos que se tem ao dormir, mas dos planos e vontades para o futuro, que são parte da sua subjetividade e ajudam a formar o seu mundo. O leitor adolescente, porém, nem sempre será representado dessa forma na literatura juvenil: como o próprio Piglia (2006, p. 19) afirma, “[u]m leitor também é aquele que lê mal, distorce, percebe confusamente”; a partir daí, podemos ver que a figuração ideal dá espaço, por vezes, ao adolescente enquanto mau leitor. É o caso de Charlie, protagonista de *As vantagens de ser invisível*, lançado em 1999, de Stephen Chbosky, que baseia sua leitura em suas experiências pessoais, muitas vezes em detrimento das evidências textuais, o que, somado à sua

ingenuidade, resulta em uma compreensão limitada e superficial dos livros. Partindo da ideia de Piglia de que o interessante é se perguntar sobre “*quem é aquele que lê (onde está lendo, para quê, em que condições, qual é a sua história)*” (PIGLIA, 2006, p. 24, grifo no original), o presente artigo trata das dificuldades de Charlie enquanto leitor, analisando as suas más leituras, no sentido apontado por Piglia, a fim de determinar o que isso revela sobre a personagem e sua forma de se relacionar com o mundo.

As vantagens de ser invisível, ambientado no início da década de 90, conta um ano da vida de Charlie, nome fictício inventado pelo protagonista, que manda cartas anônimas para um menino, pois precisa saber “que existe alguém que ouve e entende” (CHBOSKY, 2007, p. 12). Charlie está tentando lidar com o suicídio do melhor amigo, Michael, ao mesmo tempo em que ainda sofre com a morte de sua tia Helen. Logo após o início da correspondência, seu professor de inglês, Bill, começa a lhe dar livros extras para ler, e ele se torna amigo de Sam e Patrick, dois irmãos de criação que são veteranos em seu colégio. Tudo isso muda sua rotina e, em tese, sua forma de interagir com o mundo.

Por se tratar de um romance epistolar, a história é narrada em primeira pessoa, e é importante chamar atenção para o fato de que existe um narratário, não se tratando de um monólogo interno ou fluxo de consciência. Isso mostra o quanto a literatura é importante para Charlie, já que é algo que ele sente necessidade de compartilhar com alguém. É possível argumentar que, na verdade, a grande quantidade de menções a obras literárias (e aí temos romances, peças e poemas) é consequência de o protagonista estar em idade escolar, mas esse argumento justifica apenas parte das referências, pois o menino pouco menciona suas outras atividades acadêmicas, ao passo que ele está constantemente atualizando seu remetente em relação ao que lê. Isso mostra que os livros se tornaram parte de sua rotina de uma forma especial, sendo, mais do que uma obrigação, uma forma de prazer.

Em princípio, Charlie teria as características necessárias a um leitor competente, tanto que Bill resolve lhe dar os livros após perceber nele potencial e inteligência (CHBOSKY, 2007, p. 190), e grande habilidade em leitura e compreensão (CHBOSKY, 2007, p. 20). O menino é visto pelos amigos como alguém observador, que entende bem o que o cerca (CHBOSKY, 2007, p. 48), e, de fato, muitas vezes ele consegue perceber, pelo menos até certo ponto, como outras pessoas se sentem, fazendo em suas cartas

considerações próprias sobre a forma como as pessoas se relacionam entre si – o que soma uma capacidade de ler o mundo à sua aparente capacidade de interpretar literatura. Todas essas características, porém, não são o suficiente, e suas leituras se revelam, na verdade, limitadas.

A carta do dia 23 de novembro de 1991 é um bom exemplo de como as habilidades de Charlie às vezes falham. No início do relato sobre o dia de Ação de Graças, o menino afirma que gosta das festas de fim de ano porque “te[m] muito interesse e fic[a] fascinado em ver como as pessoas se amam, mas não gostam realmente umas das outras” (CHBOSKY, 2007, p. 66), o que demonstra como o menino, de apenas 16 anos, consegue analisar com certa maturidade as relações dentro de sua família. Ele, então, fala das brigas e contratempos que normalmente acontecem na celebração, a fim de mostrar o quanto aquele ano tinha sido diferente. O especial foi que os pais de Charlie levaram uma fita cassete com o jogo do time universitário em que seu irmão mais velho joga. O garoto percebe que todos estão felizes, mas que seu avô está chorando:

O tipo de choro que é silencioso e discreto. O tipo de choro que só eu percebi. Pensei nele indo ao quarto da minha mãe e batendo nela, e erguendo o boletim e dizendo que as notas ruins nunca acontecessem novamente. E eu acho agora que talvez ele se referia a meu irmão mais velho. Ou a minha irmã. Ou eu. Que ele tinha certeza de que foi o último a trabalhar numa fábrica.

Não sei se isso é bom ou ruim. Não sei se é melhor ter seus filhos felizes e não irem pra faculdade. Não sei se é melhor estar perto de sua filha ou ter certeza de que ela tenha uma vida melhor que a sua. Simplesmente não sei. Eu fiquei em silêncio e observei (CHBOSKY, 2007, p.69)

Na citação, Charlie faz referência ao dia em que seu avô bateu nas filhas (a mãe de Charlie e a tia Helen) por conta de notas baixas no boletim, um fato que marcou a mãe do menino. Aqui é demonstrado o grande entendimento que ele tem da figura de seu avô, que começou a trabalhar como operário aos 15 anos e cujo sonho era ver as filhas formadas na faculdade, e seu comentário final mostra que ele entende a complexidade das relações humanas. Mas a mesma pessoa que consegue ser tão perceptiva quanto às emoções dos outros diz a todos, na hora de dar graças: “Sou grato por meu irmão ter jogado futebol na televisão, porque assim ninguém brigou.” (CHBOSKY, 2007, p. 70). Apesar de admitir que sua declaração provocou certo

desconforto, o menino não parece ver nada de inapropriado nela; tampouco fez o comentário por maldade. Charlie não tinha a consciência de que seu comentário iria chocar, simplesmente falou a verdade, algo que ele valoriza. Em sua ingenuidade, o menino se deixou guiar pelo seu contentamento de ter uma noite de ação de graças que não seguia o padrão conturbado de anos anteriores, mas, ao fazer isso, se mostrou cego para os sentimentos de sua família, sem pensar que uma total honestidade pode resultar no desconforto, em especial em um cenário familiar tão delicado quanto o dele, em que as pessoas abdicam de expressar alguns sentimentos para preservar a paz.

Outra ocasião, em abril do ano seguinte, em que Charlie comete um deslize é no jogo de verdade ou consequência em que Patrick o desafia a beijar a menina mais bonita da festa, e ele beija Sam e não Mary Elizabeth, sua namorada na época. Charlie estava insatisfeito com o relacionamento, mas não conseguia ser honesto com a menina, o que o levou a escolher *consequência* a noite inteira, para que não tivesse que revelar tudo por conta de um jogo (CHBOSKY, 2007, p. 145). Na hora em que foi desafiado, porém, não hesitou em beijar Sam, pois se não o fizesse estaria mentindo e “não podia mais fazer isso” (CHBOSKY, 2007, p. 145). Essa segunda cena demonstra um progresso em relação à anterior, já que ele percebe que o momento não era ideal para a honestidade, mas reforça a ideia de que, mesmo com a habilidade que ele tem para ler as pessoas e entender como elas se relacionam, ele falha em demonstrar empatia com sua namorada ao escolher não ser hipócrita, o que em sua visão seria pior do que magoar Mary Elizabeth.

Como nessa cena, Charlie age sem pensar em diversos momentos do livro, o que parece estar relacionado com sua ingenuidade e infantilidade. Em algumas passagens, fica a impressão de que as pessoas lhe explicam as coisas como se ele fosse uma criança, e o próprio Charlie não parece ter consciência de que sua infância ficou para trás, e que ele precisa agir como um adolescente:

“Seja cético a respeito deste aqui. É um grande livro. Mas procure ser um filtro e não uma esponja.”

Às vezes acho que Bill se esquece que tenho dezesseis anos. Mas fico muito feliz com isso. (CHBOSKY, 2007, p.175).

O diálogo se dá após Bill dar a Charlie o último livro do ano, *The Fountainhead*, de Ayn Rand [A nascente, no Brasil]. Charlie deveria, com toda a capacidade que lhe é

atribuída, ser capaz de entender a metáfora empregada por Bill, o que não ocorre, pois o próprio menino parece se colocar em uma posição de infantilidade, como se a metáfora fosse muito madura para ele compreender. Após a leitura, ele menciona que conseguiu pegar o que a autora escreveu e adaptá-lo à sua vida e que “[t]alvez seja isso que significa ser um filtro. Não tenho certeza” (CHBOSKY, 2007, p. 178), mas não fica claro até que ponto chegou a sua reflexão. As passagens ilustram como ele às vezes deixa de entender coisas simples, o que é coerente com o tipo de leitura que ele faz. Apesar de ser um leitor voraz, que diz que gosta de ler sempre duas vezes um livro (CHBOSKY, 2007, p. 19), Charlie também diz que “sempre acho que um livro é meu favorito até eu ler outro” (CHBOSKY, 2007, p. 19-20). O menino também diz que “às vezes eu leio um livro e acho que sou a pessoa do livro” (CHBOSKY, 2007, p. 38) e é importante apontar que há uma diferença entre achar que se é uma pessoa (o que se assemelharia ao contágio emocional, a mera “transmissão dos sentimentos de uma pessoa para outra”¹ (KEEN, 2007, p. 5, tradução livre)) e de fato se identificar com a personagem e compreender pelo que ela passa, que se aproximaria mais da empatia e da preocupação empática, em que o sujeito entende o sentimento do outro e sente por ele (cf. KEEN, 2007). A primeira implicaria uma mera reprodução dos sentimentos que estão na superfície da obra, enquanto a segunda envolve um processo de reflexão e análise. Dada a importância da empatia para o processo de leitura do adolescente, no sentido de que é ela que torna a leitura uma fonte de conforto e aprendizado, pode-se pensar que as habilidades de leitura de Charlie ainda têm muito que ser trabalhadas. As declarações de Charlie sobre seus hábitos de leitura mostram ainda que ele é um leitor ingênuo, e potencialmente superficial. Essa oscilação entre os seus livros favoritos – sendo que ao final da narrativa todos os livros de Bill entram nessa lista – leva a crer que não há muita reflexão posterior sobre o que Charlie lê.

Em *A pessoa que fala* no romance, Bakhtin (1988, p. 135) afirma que “[u]ma linguagem particular no romance representa sempre um ponto de vista particular sobre o mundo, que aspira a uma significação social”. Sendo assim, no ato da leitura, o leitor interage com essa outra visão de mundo. Por ser um adolescente, Charlie está numa fase de formação, o que implica que suas ideias e valores – e por consequência, seu discurso – ainda estão sendo constituídos, visto que ele está passando por um processo de

¹ No original: “the communication of one’s mood to the others”

aprendizado. Alguns elementos, porém, parecem ter um grande peso em sua leitura, como sua ingenuidade. Um dos exemplos de leitura confusa de Charlie se dá em relação ao romance *Este lado do paraíso*, de Fitzgerald. Após ler uma reportagem na *Rolling Stones* que comparava Kurt Cobain a John Lennon, o menino conversa sobre o assunto com Sam e Patrick, quando lhe vem a lembrança do livro de Fitzgerald:

Em algum ponto perto do fim do livro, o protagonista é apanhado por um homem mais velho. Os dois estão indo para a partida de futebol da Ivy League e têm essa discussão. O mais velho é estabelecido. O garoto está “esgotado”.

De qualquer modo, eles têm uma discussão e o garoto é um idealista, pelo menos temporariamente. Ele fala de sua “geração insatisfeita” e coisas assim. E ele diz algo parecido com: “Não é uma época de heróis, porque ninguém deixará que isso aconteça.” O livro se passa na década de 1920, que eu acho que foi ótima, porque imagino que o mesmo tipo de diálogo pode acontecer no Big Boy [a lanchonete em que estão]. (...)

Então eu disse que achava que a revista estava tentando transformá-lo [Cobain] num herói, mas depois alguém descobriria alguma coisa que o tornaria inferior a um ser humano. (CHBOSKY, 2007, p. 115)

Seu comentário sobre a futura reputação de Cobain está em consonância com o discurso de um tempo sem heróis, mas a visão de Charlie sobre os anos 20 destoa do que seria esperado. Jovens esgotados e a impossibilidade de se ter um herói são coisas que falam de desesperança, e se os mesmos termos poderiam ser usados em uma conversa casual em uma lanchonete na década de 90, podemos deduzir que o cenário do presente da narrativa está longe de ser ideal. Se “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2007, p. 16), isso Charlie não enxerga, já que, ao considerar a atualidade da citação de Fitzgerald como algo positivo, ele automaticamente deduz que os anos 1920 foram um bom momento histórico-social, o que não combina com suas próprias palavras sobre o romance e nem com as observações sobre seu próprio momento histórico, que usa como base para sua comparação. Um dos motivos para essa perspectiva do menino, na nossa leitura, é o bom momento que vive, e se os tempos são bons para ele também devem ser para todos.

Afirmamos isso não só pela leitura simplificada que Charlie faz de certas situações, mas também pela forma como ele diz ler, fingindo estar dentro do livro. Temos, então, elementos que apontam para uma leitura embasada na empatia, o que aproximaria Charlie do leitor adolescente ideal, uma vez que esse sentimento está

relacionado com a capacidade de identificação, elemento chave para que a leitura se torne um instrumento de apoio na transição da adolescência. Um exemplo em que isso parece ocorrer é sua leitura de *Hamlet*:

Passei todo o feriado [de Páscoa] lendo *Hamlet*. Bill estava certo. Era muito mais fácil pensar no cara da peça como os outros personagens que eu já havia lido. Também foi útil para mim quando pensei no que havia de errado comigo. Não me deu nenhuma resposta, mas me ajudou a compreender que outra pessoa havia passado por isso. Especialmente alguém que viveu há tanto tempo (CHBOSKY, 2007, p. 147)

Charlie lê o livro logo após o incidente do jogo de verdade ou consequência, e a carta de 18 de abril, em que o episódio é narrado, termina com o menino afirmando que havia algo errado com ele, mas que ele não sabia identificar o que era (CHBOSKY, 2007, p. 147). A peça o ajudou a pensar sobre essa questão, oferecendo algum conforto para o menino, justamente por lhe mostrar que não estava sozinho. E, de fato, a dúvida entre Charlie e Hamlet, bem como a dificuldade de agir que provém das incertezas e dos obstáculos que o ambiente desfavorável traz.

A princípio, a forma como Charlie lê não seria, como dito anteriormente, superficial; pelo contrário, poderia se converter na leitura enquanto fonte de reflexão. Charlie, porém, não consegue passar desse momento de empatia inicial de modo a compreender melhor o que se passava consigo mesmo, e nem mesmo parece entender qual seria o problema específico de Hamlet, apenas viu nele um companheiro de sofrimento. Na verdade, *Hamlet* só foi proveitoso para o menino porque Bill disse para “não cair na armadilha de achar que a peça era ‘fantasiosa’ demais” (CHBOSKY, 2007, p. 144). Não fosse essa indicação, Charlie não teria visto Hamlet como um personagem igual aos dos outros livros que leu, e o produto final da leitura poderia, então, ser algo próximo à leitura que o adolescente fez de *Peter Pan*, em que ele não conseguiu fingir que estava dentro do livro por conta da natureza fantástica da narrativa (CHBOSKY, 2007, p. 39). Charlie só consegue se relacionar com o que tem uma ancoragem no real, com aquilo que lhe permite traçar uma relação mais direta com seu *próprio* modo de viver e o mundo que habita, o que indica também que sua capacidade de se colocar no lugar do outro – e por consequência, sua capacidade de empatia – é limitada.

A empatia sentida por Charlie se relaciona a sua fixação: saber sobre – e desejar – a felicidade dos outros, como pode ser visto neste trecho: “Nos corredores, vejo as garotas vestindo as jaquetas dos rapazes e penso no conceito de propriedade. E me pergunto se alguém é realmente feliz. Espero que sejam, realmente espero que sejam” (CHBOSKY, 2007, p. 34). Esse é um dos muitos momentos em que o menino faz esse questionamento. Mas a empatia dele é vazia, primeiramente porque ele, muitas vezes, não consegue entender o que o outro sente, apenas projetando os próprios sentimentos no outro. Além disso, ele deseja tanto a felicidade imediata que acaba se cegando para outras coisas. Sua reação ao relacionamento de sua irmã com um namorado que batia nela oferece um bom exemplo da forma como Charlie reage à realidade.

Charlie presencia o momento em que a irmã recebe um tapa do namorado e, sem refletir muito sobre o que fazia, conta o ocorrido para Bill, que fala com os pais do menino. Após a irmã ser proibida de ver o namorado, Charlie acoberta a relação dos dois mesmo se preocupando com ela, pois em uma conversa ela se diz apaixonada. O menino, cujo pai e a avó foram vítimas de violência doméstica, não entende a magnitude da situação, e mesmo depois de levar a irmã para fazer um aborto de um bebê que o namorado não queria assumir, ainda tem a ilusão de que é possível que a irmã e o namorado fiquem juntos e sejam felizes. Sua noção de felicidade parece estar ligada também a um certo clichê, já que ele tenta enquadrar o namoro da irmã na fantasia do “felizes para sempre”, em que o amor se mostra uma força transformadora, que por si só basta para que se vençam todas as barreiras. Isso é mais uma evidência da ingenuidade de Charlie, mas também mostra que sua habilidade de sentir empatia pelo outro é limitada, pois apenas deseja que as pessoas sejam felizes, e a felicidade imediata ou mais convencional (aqui, permanecer com o namorado) não basta e não dá uma dimensão real do bem estar do outro. Essa fixação vai se repetir em sua relação com a literatura, e impedir que ele tenha uma leitura mais profunda, vendo além da superfície. Charlie não reflete a fundo sobre o que lê, pois não consegue ver completamente o outro, apenas o que projeta de si, o que faz com que sua visão de mundo permaneça a mesma, sem ser afetada por novas leituras e experiências.

Todas as falhas de Charlie, no que diz respeito à leitura, podem ser observadas na carta de 21 de dezembro de 1991, onde o menino dá a Patrick, como último presente de “Papai Noel Secreto”, um poema:

Era um poema do qual Michael havia feito uma cópia para mim. E eu o li milhares de vezes, porque não sei quem escreveu. Não sei se foi em um livro ou numa sala de aula. E não sei a idade do autor também. Mas sei que queria conhecê-lo. Eu queria que esta pessoa estivesse bem. (CHBOSKY, 2007, p. 75).

Primeiramente, vemos que Charlie tem problemas com o limite do ficcional, já que parece ver autor e eu-lírico como uma única entidade, como se o autor tivesse que, necessariamente, sentir tudo sobre o qual escreve. A empatia em excesso, vazia e cega, também se manifesta. Charlie já leu o poema diversas vezes, não porque o aprecia, mas por se preocupar com o bem-estar de quem o escreveu. Como esperado, ele acaba ignorando o que realmente importa: “[n]inguém sabia quem era o autor, mas Bob disse que já o ouvira antes, e ele soube que era o bilhete suicida de um garoto. Eu espero que não seja, porque não sei se gostei do final” (CHBOSKY, 2007, p. 82). Aqui se torna importante o fato de ter sido Michael quem deu o poema para Charlie, já que o próprio Michael cometeu suicídio. Trata-se de uma versão alternativa, escrita por Patrick Comeaux, do poema *A paper/ a person/ a promise* [Um papel/ uma pessoa/ uma promessa, em português], do Dr. Earl Reum, mas Charlie desconhece esse fato, já que, pelo que suas declarações indicam, ele não pensou em perguntar para Michael a origem do poema. Passagens anteriores do livro mostram também que ele não sabia que o amigo passava por dificuldades, o que mostra que o menino, que se preocupa com um autor anônimo, por vezes não consegue enxergar as pessoas que o cercam, e o que elas passam.

Sua opinião sobre o final dos versos é o mais preocupante. O poema é composto por quatro estrofes, e as três primeiras seguem uma estrutura semelhante, contando diversos momentos da vida do eu-lírico e sua relação com família e amigos. É possível ver, conforme o eu-lírico vai crescendo, que o mundo se transforma num lugar hostil, e que sua inocência vai se perdendo aos poucos. A última estrofe é mais curta que as demais, e traz os efeitos das mudanças observadas nas estrofes anteriores:

É por isso que no verso de uma folha de papel pardo
ele tentou outro poema
E o intitulou de “Absolutamente Nada”
Por que era o que estava em toda parte
E ele se deu um A

e um corte em cada maldito pulso
E se encostou na porta do banheiro
porque nessa hora ele não pensou
que poderia alcançar a cozinha. (CHBOSKY, 2007, p. 82)

A linguagem do poema é simples e direta, mas mesmo assim Charlie não entende o final, e não reflete sobre o que poderia significar Michael, seu melhor amigo, ter dado os versos a ele. A única conversa com Michael que é relatada deixa a entender que o menino já estava desiludido, tal qual o eu-lírico, o que faz com que o ato de dar o poema ao amigo possa ser lido como um pedido de socorro. Charlie só vai entender a última estrofe na festa de Ano Novo, quando está tendo o que as pessoas chamam de uma “viagem ruim” após usar entorpecentes:

E não quero ficar triste. Mas o caso é que posso ouvir Sam e Craig fazendo sexo, e, pela primeira vez na minha vida, entendo o final do poema.
E eu nunca tinha entendido. Você tem que acreditar em mim.
(CHBOSKY, 2007, p. 106)

Charlie está tendo alucinações e sente o mundo se mover ao seu redor. Os pensamentos que normalmente o deixam alegre estão apenas aumentando a tristeza que sente, e ele recebe ainda mais um lembrete de que a menina que ama está com outro. Soma-se a isso o fato de que o Natal nunca é uma época feliz para Charlie, pois traz a lembrança da morte de sua tia, que faleceu no dia do aniversário dele, 24 de dezembro. Esses acontecimentos acarretam uma dor profunda, e é apenas aí, quando atinge um nível de sofrimento elevado – tal qual a do eu-lírico – que Charlie vai compreender os sentimentos por ele expressados, conseguindo finalmente ter uma empatia real pelo eu-lírico e desvendar a estrofe final.

Os exemplos mostram que Charlie está longe de ser o leitor adolescente ideal, mas isso não quer dizer que essa figura, ou melhor dizendo, as ideias por trás dela, não possa ser vislumbrada na obra de Chbosky. O próprio protagonista às vezes se comporta de forma semelhante a esse leitor, tal qual na já mencionada passagem em que comenta *Hamlet*, mas em outros momentos, ele parece que vai conseguir fazer um uso positivo da leitura para depois recair em práticas questionáveis, como quando fala sobre sua leitura de *O apanhador no campo de centeio*, livro de J.D. Salinger que lhe é dado por Bill para que lesse no Natal.

Entre os dias 27 e 30 de dezembro, Charlie lê o livro três vezes, a segunda e a terceira como uma forma de se centrar, para evitar o “choro aterrorizado” que ele sentia vir por conta de memórias tristes. Esse ato ecoa a noção de que a literatura oferece um apoio para o jovem, mas não é uma realização perfeita dela. Charlie está tomado pela tristeza, e teme que a crise que teve após a morte da tia – que culminou na sua internação – se repita, e por isso o menino diz: “[é] por isso que estou tentando não pensar” (CHBOSKY, 2007, p. 104), o que ele alcança ao ler repetidas vezes o romance. A leitura de *Apanhador*, então, não traz a sensação de comunhão, mas é usada como uma forma de escapismo, o que seria uma prática de leitura condenável: a literatura juvenil norte-americana trata com frequência do escapismo como uma das coisas que o adolescente em conflito deve superar. Podemos observar a presença desse tópico em *Vantagens* através da representação da leitura, já que, em vez de trazer reflexão e superação, ela se torna uma forma de bloquear a autorreflexão.

Quem realmente representa a ideia dos benefícios da leitura é o professor Bill, com seu gesto de dar a Charlie livros para que ele possa desenvolver seu potencial. Todas as vezes em que o professor se manifesta sobre o fato, ele dá motivações acadêmicas para sua decisão, mas ele também demonstra, em diversos momentos, se preocupar com o bem-estar de Charlie. Além disso, o menino, após ler *Peter Pan*, diz que acha que Bill está tentando ensinar a ele uma lição, e ele também percebe, mesmo que não consiga precisar o que, que há algo que une todos os livros que recebeu de Bill. É curioso que Piglia aponta que, em muitas narrativas, não nos é revelado que livro as personagens estão lendo, o que para ele de fato não é importante, visto que “o que importa é o próprio ato de ler, sua função na [narrativa]” (PIGLIA, 2006, p. 35). Em *Vantagens*, é justamente o fato de que nós sabemos exatamente quais livros Charlie lê que os torna significativos e revela sua função. São livros que abordam temas como confronto entre indivíduo e sociedade, amadurecimento e a construção da subjetividade, que se relacionam diretamente com o que Charlie vai passar ao longo da narrativa. O melhor exemplo, porém, é quando Bill entrega a Charlie *Apanhador* e diz ser ele “o tipo de livro feito para nós” (CHBOSKY, 2007, p. 84), o que constrói um senso de união entre ele e o menino – e muitos outros leitores –, e que é o que o leitor adolescente ideal deve sentir em relação à história ao ler. Isso se torna ainda mais significativo porque

Bill, que ainda é jovem, parece ter feito uma transição satisfatória da adolescência para a vida adulta, buscando seu lugar na sociedade e lidando com seus conflitos.

Esse senso de união é importante para o leitor, pois funciona como fonte de conforto. Charlie também busca essa comunhão:

E penso como muitas pessoas têm adorado essas canções. E como muitas pessoas passaram por maus momentos por causa dessas canções. (...) Espero que as pessoas que escreveram essas canções sejam felizes. (...) Tomara mesmo, porque elas me fazem feliz. E eu não sou o único. (...) E como as fitas de músicas, é maravilhoso colocar cada [livro] na palma da minha mão. (CHBOSKY, 2007, p.72-73)

Charlie não busca esse sentimento dentro do livro, mas fora, com outros que leram a mesma obra. E ele dá valor ao objeto físico: para ele, se alguém deseja compartilhar com outra pessoa um livro que considera importante, o gesto se torna mais especial quando você dá seu próprio exemplar, o que ele faz ao final, dando seus livros para Patrick e Sam. Mas esse senso de união só é bom quando ele está feliz; se estiver triste, a mesma ideia lhe entristece, o que mostra que essa união que ele sente não consegue cumprir o mesmo papel que o senso de comunhão traz para o leitor ideal, já que não oferece conforto na adversidade, visto que Charlie continua apenas projetando seus sentimentos nos outros.

Os problemas de leitura de Charlie são muitos, mas sua leitura limitada não é o que de fato lhe impede de enfrentar os próprios problemas, o que faz com que a leitura não seja de todo um ato escapista no âmbito da narrativa – o que o transformaria no oposto do adolescente ideal. Se tão importante quanto a figura do leitor é a forma como os livros chegam em suas mãos (PIGLIA, 2006, p. 33), a dinâmica e a comparação entre Charlie e Bill apontam que o necessário para o menino é aprender como transformar a leitura em algo produtivo para si – mas há algo que o impede de atingir esse patamar. A leitura ruim não seria, então, algo nocivo a Charlie, mas sim “a forma de uma diferença, de um traço distintivo; parece mais um efeito da estranheza do que sua origem” (PIGLIA, 2006, p. 78), algo que é a consequência de seus problemas, dos conflitos de idade, do algo errado que ele não consegue definir.

Mas o que, então, faz de Charlie um leitor problemático? Além da já apontada ingenuidade do protagonista, a primeira resposta que vem à mente é o trauma. Tanto a

família da mãe quanto a do pai de Charlie são marcadas por tragédias, e ele mesmo já passou por várias experiências traumáticas: presenciou um estupro aos doze anos, perdeu o melhor amigo aos quinze, foi internado por conta de uma crise aos sete. Apesar de se amar, a família de Charlie não é do tipo afetuoso – a exceção era a tia, que morreu indo comprar o presente de aniversário do menino, o que causou um grande impacto nele. Além disso, no final do livro, se descobre que a tia abusou sexualmente de Charlie, uma memória que ele reprimiu, e que, quando veio à tona, fez com que ele tivesse uma nova crise e precisasse ser internado novamente. Isso já poderia justificar toda a preocupação que o menino tem com a felicidade, e por que ele prioriza esse sentimento acima de tudo. Há, porém, em nossa opinião, outros motivos que justificam de forma mais satisfatória a tendência de Charlie de fazer uma leitura limitada.

A primeira razão é a falta de conhecimento de si. O ato de ler ajuda o adolescente a perceber que outros já passaram pelos mesmos problemas que ele, mas para isso é preciso saber, ao menos parcialmente, qual problema você está enfrentando. Isso acontece porque “[a] leitura é vista como isolamento e solidão, como outro tipo de subjetividade. (...) O que está em jogo é a interioridade” (PIGLIA, 2006, p. 36). Charlie sabe que há algo errado com ele, mas não sabe o que é. A única coisa que sabe sobre si é que é “feliz e triste ao mesmo tempo” (CHBOSKY, 2007, p.12), o que explica, em parte, sua fixação pela felicidade. Ele está tentando entender como é possível sentir coisas conflitantes ao mesmo tempo, e sua preocupação com a felicidade dos outros é, na verdade, uma forma de se preocupar consigo mesmo:

É como quando você está excitado com uma garota e vê um casal de mãos dadas, e se sente feliz por eles. E outras vezes você vê o mesmo casal e eles te deixam louco. E tudo o que você quer é se sentir feliz por eles, porque você sabe que se for isso significa que você está feliz também. (CHBOSKY, 2007, p. 105-106)

Se ele se alegra pelo outro, é porque ele está bem. A falta de conhecimento sobre si também explica sua dificuldade em sentir empatia. Nas palavras de Adam Smith (2006, p. 14, tradução livre)², “Eu julgo a sua percepção pela minha percepção (...) o seu amor pelo meu amor. Eu não tenho, nem posso ter, outro jeito de julgá-los”. Charlie não

² No original: “I judge of your sight by my sight (...) of your love by my love. I neither have, nor can have, any other way of judging about them”.

sabe lidar com os próprios sentimentos – não sabe o que fazer, e sua resposta mais frequente é o choro – logo, não é de surpreender que ele não saiba lidar com os sentimentos dos outros, sejam eles reais ou ficcionais. A prova de que o conhecimento sobre si é importante para a capacidade de leitura de Charlie é que, ao lembrar do abuso sofrido, ele passa a ver as coisas com mais clareza, finalmente aprendendo a lição que a narrativa inteira parece querer passar: seu passado não define você, e sim o que você resolve fazer com ele.

A inatividade é outro obstáculo a ser superado: interpretar é agir sobre o texto e, como vimos até agora, a forma de se relacionar com o mundo e com a palavra escrita estão intimamente relacionadas no livro. Logo, uma postura passiva no dia-a-dia se reflete na leitura – temos esponjas e não filtros, como diria Bill. Parte dos problemas de leitura na obra pode ser associada a isso. Mesmo passando boa parte do livro dizendo que está tentando “participar” da vida, Charlie normalmente toma a posição de observador, ou se limita a fazer o que esperam dele. Sam tenta dizer a ele que “Você não pode se limitar a se sentar lá (...). Você tem que fazer coisas” (CHBOSKY, 2007, p. 209-210), alertando que essa atitude é ruim para os que o cercam e para ele próprio. Essa era outra lição que ele precisava aprender, pois, como apontou Emily Wasserman (2003, p. 51, tradução livre): “Ele sabe que é diferente das outras pessoas da sua idade, mas quer que outros o consertem”³, um desejo que o personagem expressa e que revela sua passividade. Apenas após sua estada de dois meses no hospital é que as coisas parecem mudar de verdade para Charlie: na carta de 23 de agosto de 1992, a última, o menino diz que possivelmente não escreverá mais, pois estará “muito ocupado tentando ‘participar’” (CHBOSKY, 2007, p. 223). Não temos como saber se ele será bem sucedido, mas o primeiro passo ele já deu: escolheu agir.

Charlie parece, no final do livro, estar no caminho certo para se tornar um bom leitor, ou pelo menos um leitor melhor, mas para deixar de lado a leitura limitada e confusa que lhe é própria, é preciso resolver seus problemas de socialização e de autoconhecimento. Ao que tudo indica, para ler bem é necessário primeiro aprender a ver o mundo e estar nele, lições fundamentais para o leitor adolescente e para a transição pela qual está passando, durante a qual deve adquirir a competência para interpretar os signos que o cercam – a própria literatura pode ajudar esse leitor no

³No original: “He knows he is unlike other people his age but wants others to fix him.”

processo de inserção no mundo, mas para isso ele tem que estar disposto a trabalhar sua própria habilidade e a entender as mensagens que encontra nos textos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. A pessoa que fala no romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 1.ed. São Paulo: HUCITEC, 1988, p. 134-163.

BICKMORE, S.; YOUNGBLOOD, K. “It’s *The Catcher in the Rye*... He Said It Was the Kind of Book You Made Your Own”: Finding Holden in Contemporary YA Literature. *English in Education*. Sheffield, v.48, n.3, 2014. Disponível em [<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/eie.12049/abstract>]. Acesso em: 16 out. 2014.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHBOSKY, S. *As vantagens de ser invisível*. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KEEN, S. *Empathy and the Novel*. New York: Oxford University Press, 2007.

PIGLIA, R. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SMITH, A. *The Theory of Moral Sentiments*. São Paulo: Metalibri, 2006.

WASSERMAN, E. The Epistolary in Young Adult Literature. *The ALAN Review*. S.l. v.30, n.3, 2003. Disponível em [<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/ALAN/v30n3/pdf/wasserman.pdf>]. Acesso em: 16 out. 2014

Data de recebimento: 29/09/2018

Data de aceite: 21/11/2018